

O Mundo em Português N°0

Junho 1999

A Eurásia no Centro do Mundo

João Soares

Apesar de todas as mudanças que o mundo sofreu na última metade do século, o papel central da Eurásia não foi afectado, diz Zbigniew Brzezinski.

No início do novo milénio, os Estados Unidos - como única superpotência que são - não poderão ignorar a Eurásia e os seus três centros nevrálgicos: a Europa Ocidental, a Ásia Central e o Extremo Oriente. A chave do poder mundial tem residido, pelo menos a partir dos últimos cinco séculos, na Eurásia, defende Zbigniew Brzezinski. Os povos que habitaram esta massa continental dominaram de uma forma ou de outra todas as restantes regiões do Mundo, adquirindo o estatuto e os privilégios das potências de primeira grandeza. Esta ideia é, segundo o autor de *"The Grand Chessboard"*, fundamental numa análise da evolução da cena política internacional e, sobretudo, na definição dos imperativos estratégicos dos Estados Unidos. Na última década do século XX um acontecimento veio alterar radicalmente a cena política mundial: a queda do Muro de Berlim. No entanto, para Brzezinski a Eurásia mantém intacta a sua primordial importância num novo mundo unipolar no qual se confirma a ascensão e o poderio crescente dos Estados Unidos, que se tornam assim na única superpotência global.

A evolução da situação do mundo, na perspectiva dos interesses dos Estados Unidos, passaria assim a depender fundamentalmente da forma como o poder político norte-americano venha a tratar as extremamente complexas relações com os três centros nevrálgicos da Eurásia. Estes três centros abrangem a Europa Ocidental, a Ásia Central - que inclui o Médio Oriente e a Índia - e um Extremo Oriente que se estende desde o Japão até à Indonésia, abrangendo a China e os pequenos mas industrialmente desenvolvidos países do Sudeste Asiático. Note-se que não contam como peças de um significativo valor no jogo geoestratégico a África, a Austrália e as Américas Central e do Sul.

Em todo o livro Brzezinski mostra um considerável desdém em relação à ONU, que desvaloriza de forma ostensiva. Conclui-se que as grandes questões geoestratégicas mundiais não podem ser eficazmente resolvidas por essa organização internacional, devendo antes ser tratadas através de iniciativas definidas pela acção directa dos Estados Unidos, conducente a acordos e entendimentos com os centros de poder das três áreas nevrálgicas da Eurásia. Para Brzezinski existem alguns traços principais que reflectem as características institucionalizadas do sistema norte-americano:

- 1) Organização de um sistema de segurança colectivo incluindo um comando integrado e forças (a NATO e o Tratado de Segurança Estados Unidos - Japão);
- 2) Cooperação económica regional (APEC, NAFTA) e actuação de instituições especializadas (FMI, Banco Mundial e Organização do Comércio Mundial);
- 3) Tentativas de estabelecer decisões consensuais, ainda que dominadas pelos Estados Unidos;
- 4) Preferência nas alianças de membros democráticos, formadas ou a formar;
- 5) Tentativa de criação de uma estrutura constitucional jurídica global e de um tribunal especial para julgar crimes de guerra. Brzezinski identifica também três condições que definem o estado actual das relações internacionais :
 - a) Um só país é uma verdadeira superpotência;
 - b) Um país não-eurasiático dispõe de uma indiscutível supremacia global;
 - c) A arena central do globo é dominada por um poder não eurasiático.

No entanto, e com realismo, Brzezinski reconhece os limites do efectivo poder dos Estados Unidos, dado que a escala e a diversidade da Eurásia, assim como o poder potencial de alguns dos seus Estados, limitam o grau da influência norte-americana. Por isso, uma geoestratégia sustentável a ser desenvolvida pelos Estados Unidos tem de distinguir perspectivas a curto prazo (cerca de cinco anos), médio prazo (até 20 anos) e longo prazo (para além de 20 anos).

A curto prazo o interesse norte-americano estará em consolidar e perpetuar o pluralismo geopolítico existente no mapa da Eurásia. Trata-se de manobrar e manipular os acontecimentos de modo a prevenir a emergência de uma coligação hostil que possa desafiar a preponderância norte-americana, ou ainda a emergência de um só Estado que se proponha alcançar esse desiderato. A médio prazo será dar gradualmente uma maior ênfase à emergência crescente de parceiros compatíveis, os quais, aceitando a liderança norte-americana, possam vir a organizar um sistema cooperativo de segurança transeurasiático.

Finalmente, a longo prazo, assegurada a concretização efectiva desse sistema, atingir-se-ia uma fase na qual uma genuína responsabilidade global seria partilhada por todos. *"The Grand Chessboard"* contém análises pormenorizadas de várias questões, como o desenvolvimento da União Europeia e o seu alargamento a Leste; a incógnita do futuro da Rússia; as perspectivas e importância do desenvolvimento económico da China; o papel da democracia indiana e a sua relativa importância; a recuperação pelo Japão do estatuto de segunda potência industrial do mundo, assim como a revitalização dos países industrializados do Sudeste Asiático após a recuperação da crise financeira. Pondo de parte uma coloração por vezes de tonalidade pró-americana, *"The Grand Chessboard"* é um livro de leitura obrigatória, com uma tese central fascinante, no qual a exposição dos argumentos e a elaboração das conclusões, por vezes polémicas, são claras e conduzem a uma reflexão que não pode deixar indiferente qualquer interessado no jogo cada vez mais complexo da política internacional.

"The Grand Chessboard - American Primacy and its Geostrategic Imperatives"; Zbigniew Brzezinski; Ed. Basic Books, Nova Iorque, 1997